

Pedro Eiras

(Autor de *Os Três Desejos de Octávio C.*, Relógio d'Água, 2008)

Citação: Eiras, Pedro, "Octávio C. entrevista Pedro Eiras", *E-topia: Revista Eletrônica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 12 (2011). ISSN 1645-958X. <<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id05id164&sum=sim>>

Octávio C. – Eu –

Pedro Eiras (ao mesmo tempo) – Tu –

(Silêncio incómodo.)

Octávio C. – Isto começa mal.

Pedro Eiras – Não, nem por isso.

Octávio C. – Hum. (Silêncio.) Sugeriram-me que te perguntasse se *Os Três Desejos de Octávio C.* é uma utopia. Ou uma distopia.

Pedro Eiras – E perguntas-me isso a mim?

Octávio C. – A quem querias que perguntasse? Não te faças de difícil.

Pedro Eiras – Não faço. Mas era preciso chamar o leitor – ele é que sabe. Aliás, o que for utopia para um será distopia para outro, *et cætera*.

Octávio C. – Estás a fugir à pergunta, como sempre.

Pedro Eiras (em surdina) – (Como sempre? que queres dizer?)

Octávio C. (em surdina) – (Shiu...)

Pedro Eiras – Não estou a fugir à pergunta. Qualquer utopia tem o seu reverso, a sua faceta de horror, as suas contra-narrativas. Não concordas?

Octávio C. – Não interessa se concordo ou deixo de concordar. Responde à pergunta, se fazes favor.

Pedro Eiras – Olha, para te dizer a verdade, nunca pensei nessas duas palavras – utopia, distopia – ao escrever *Os Três Desejos de Octávio...*, enfim, os *teus Desejos*. Digamos que não precisei desses nomes, na altura; mas não quer dizer que não sejam uma boa descrição do que acontece nessas páginas. O vocabulário teórico pode vir mais tarde – quando me transformo em leitor, de mim mesmo, entenda-se. A teoria é ao retardador.

Octávio C. – Toda a consciência é ao retardador.

Pedro Eiras – Sim. E esse atraso muitas vezes ganha uma tonalidade trágica.

Octávio C. – Continua.

Pedro Eiras – Como leitor de mim mesmo, acho que sou particularmente suspeito. Bem, em primeira instância, resta saber se o que eu digo, aqui, em entrevista, é a verdade. Posso estar a mentir. E mesmo que admita esta possibilidade da mentira, em aparente boa-fé, isso pode não passar de um recurso para enganar duplamente o leitor...

Octávio C. – Já percebi. És useiro e vezeiro nessas brincadeiras dialécticas. E estás a desviar-te da pergunta.

Pedro Eiras – Não, eu nunca me desvio. Só que os caminhos são longos. Ok, não faças essa cara. Utopia, distopia, não é? Se quiseres. Mais depressa eu diria: desejo e fúria. Isso, sim, foram as minhas palavras, neste livro, noutros livros; às vezes com humor, às vezes com muita urgência de dizer. Nos *Três Desejos*, eu queria explorar o mito de Aladino –

Octávio C. – Ah, finalmente estamos a chegar a algum lado.

Pedro Eiras – ...mas um Aladino, digamos, altruísta. Por um lado, a onipotência, a embriaguez de um poder absoluto (coisa de contos de fadas, mas cheia de *hybris*). Por outro, a humildade: prescindir dos efeitos desse poder, usar os três desejos em favor dos outros. Para dizer tudo muito à pressa: é uma situação monstruosa.

Octávio C. – Obrigado.

Pedro Eiras – Nada de pessoal, Octávio, acredita.

Octávio C. – A sério?

Pedro Eiras – Não, tens razão, claro que é uma coisa pessoal, o que seria senão uma coisa pessoalíssima?

Octávio C. – Mas –

Pedro Eiras – Em todo o caso (desculpa interromper-te), não sei bem se tu és o mesmo Octávio do livro, não reconheço a tua voz. Não sei... Pareces-me outro. O do livro, nunca mais o ouvi.

Octávio C. (*suspiro*) – E a utopia?

Pedro Eiras – Qual utopia? ...ah, sim! (*Silêncio.*) Repara, Octávio, todo o desejo é utópico. O desejo, em si, é utopia. Se quero comer esta maçã, que está na minha mão, não a desejo: apenas a quero. Tenho fome dela, não tenho desejo. E por isso nunca se pode concretizar um desejo; um desejo concretizado já não é desejo. A utopia realizada transforma-se em tédio, no mínimo.

Octávio C. – E no máximo?

Pedro Eiras – Oh, tu bem sabes.

Octávio C. – Pois. E a distopia?

Pedro Eiras – A distopia é a utopia concretizada.

Octávio C. – *Quod erat demonstrandum.*

Pedro Eiras – Estou a detectar aí um tom vagamente irónico?

Octávio C. – Não sei aonde vais buscar essa ideia.

(*Silêncio.*)

Pedro Eiras – Em todo o caso, queria esclarecer uma ou duas coisas. Primeira. O Octávio do livro vive um altruísmo por artifício. Quem lhe explica muito bem isso é o génio, quando diz ao Octávio que ele deseja sempre por retiradas: que desapareça isto, que desapareça aquilo. Como se pode desejar pela negativa? Freud afirma que o inconsciente não conhece a negação. Eu tentei inventar uma personagem que incluísse a negativa – a distopia, se quiseres – no seu inconsciente. Por outras palavras: inventar um homem que criasse uma utopia negativa.

Octávio C. – Quem, eu?

Pedro Eiras – Não, ele. Ou seja – Oh, não importa.

Octávio C. – Hum. E a segunda coisa que querias esclarecer?

Pedro Eiras – A segunda – para dizer a verdade, há muitas coisas que eu poderia esclarecer, mas não quero, não posso, não sei – a segunda é esta: o Octávio não tem só desejos. Também tem fúria. Só que ele sabe – desculpa: tu não sabes – que tens essa fúria toda, nunca ninguém te preparou para reconheceres a besta contida dentro de ti. Ora, a fúria é destrutiva, cega, a fúria pode ser odiosa. Mas ela existe em nós, e não podemos nem devemos evitá-la por completo. Além disso, ela pode traduzir-se num sentimento que me interessa muito, uma certa impaciência magnífica, a incapacidade de aceitar que as coisas sejam assim.

Octávio C. – Assim, como?

Pedro Eiras – Assim, como são.

Octávio C. – Portanto, a fúria é utópica?

Pedro Eiras – Se tu o dizes.

Octávio C. – Eu não digo nada, eu pergunto.

Pedro Eiras – A fúria é uma faca de dois gumes, ninguém a agarra sem se ferir. Mas na verdade eu acredito que tudo fere; pensar, agir fere; respirar sangra. Às vezes é preferível a fuga em frente: aceitar a fúria. Não forçosamente para destruir, aliás; mas para não aceitar o mundo.

Octávio C. – Eu tentei não aceitar o mundo.

Pedro Eiras – E isso, a meu ver, é utópico.

Octávio C. – Tenho outra pergunta para ti, talvez seja oportuna neste momento. O livro abre com vários títulos. *Os Três Desejos de Octávio C.*, na capa, mas também alternativas como *As Tentações no Deserto* ou *Divertimento* ou *A Evolução da Fauna no Chile*. Não te vou perguntar nada sobre este último título...

Pedro Eiras – Não fui eu que inventei essa profusão de títulos possíveis, isso já acontece noutros livros.

Octávio C. – Sim, eu sei. E o último título é *Apesar de Todas as Minhas Crenças e Esperanças, um Dia Acordei Niilista e Escrevi a Seguinte História*. Queres comentar?

Pedro Eiras – Suponho que não me deixas a possibilidade de não comentar... Bem, eu suponho que é um título bastante eloquente. Não? Uma ou duas ressalvas: quem um dia acorda niilista – talvez acorde cheio de esperança no dia seguinte. Não é bem a metamorfose kafkiana. Outra ressalva: o que se deve pensar de um texto que abre com um título deste género? Talvez o título não esteja aí para dizer alguma coisa, mas sim para provocar algum género de reacção no leitor. Será que me faço entender?

Octávio C. – Será que alguma vez te quiseste fazer entender?

Pedro Eiras – Não está mal visto, isso... Bem, terceira ressalva: os *Três Desejos* têm algumas páginas de amargura –

Octávio C. – Não me digas!

Pedro Eiras – ...mas outros textos meus estão longe desse tom. Se procuras nos *Três Desejos de Octávio C.* a minha verdade, só encontras uma parcela do jogo. Ah, e há ainda uma quarta ressalva (quarta? já perdi a conta), uma ressalva importante: eu não decido o que quero escrever. As crenças, as esperanças e o niilismo acontecem-me. Não é imperioso que eu acredite nas tuas aventuras e desventuras, muito menos que eu aja na minha vida de acordo contigo. Octávio C., *ce n'est pas moi*.

Octávio C. – E contudo...

Pedro Eiras – E contudo.

Octávio C. – Obrigado.

Pedro Eiras – Já acabámos?

Octávio C. – Por mim, acabámos.

Pedro Eiras – Nesse caso, posso fazer um comentário? Senti uma certa... agressividade na maneira como falaste comigo. (*Silêncio.*) Quem cala consente?

Octávio C. – E como queres que eu me sinta?

Pedro Eiras – Estás a falar de quê?

Octávio C. – Já te deste conta da situação em que me deixaste no fim do livro?

Pedro Eiras – Mas não fui eu, foste tu...

Octávio C. – Deixa-te de coisas. Tu estavas sempre lá, a puxar os cordelinhos.

Pedro Eiras – Nunca pensei que me acontecesse uma destas! A personagem a discutir com o seu criador. Como naquele romance do Unamuno.

Octávio C. – Esquece o Unamuno e o Kafka e o Flaubert, é irritante essa tua mania de citar trinta autores por página! Tu deixaste-me no fim do mundo. Literalmente.

Pedro Eiras – Sim, Octávio, deixei. Mas tu julgas que nós estamos melhor do que tu? Não sei bem se fiz um exercício de pessimismo ou de realismo.

Octávio C. – Estou a ver que hoje voltaste a acordar niilista.

Pedro Eiras – Diz antes que alimento uma saudável dúvida metódica.

Octávio C. – E eu não sei se vale a pena continuarmos a discutir tão irritados. E se acabássemos?

Pedro Eiras – Acabemos.